



A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ACADÊMICO SOB A PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA

PALOMA DE SOUZA SILVA¹;
ROSANE RUBERT³

¹Universidade Federal de Pelotas – souzasilvapaloma@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A academia, por muito tempo, tem produzido conhecimento sob uma perspectiva unidimensional, continuamente oferecendo produções importantes, mas que nem sempre contemplam a diversidade de perspectivas culturais e epistêmicas. Por diversas vezes esse ambiente exclui sujeitos e histórias que não obedecem aos critérios hegemônicos da classe dominante, as mulheres negras e suas trajetórias estão neste lugar de invisibilidade, mas nas últimas décadas vêm procurando ressignificar sua posição, incentivando e criando conhecimentos a partir de novos olhares.

A perspectiva da mulher negra sobre a produção acadêmica, assim como seu posicionamento diante desse silenciamento, é o que orientou as pesquisas bibliográficas para a construção deste trabalho. Parte-se da perspectiva da área das Ciências Sociais, onde o lugar que essas mulheres ocupam geralmente é de objeto de estudo e a construção do conhecimento é realizada a partir de uma posição de superioridade sobre elas.

A pesquisa teve como objetivo fazer uma análise do pensamento da mulher negra dentro e sobre o ambiente acadêmico, bem como o posicionamento dela frente à invisibilidade e escassa representação nesse importante espaço de construção de “verdades”. Este tema surge a partir do lugar em que a própria autora deste trabalho ocupa, sendo o de mulher negra e acadêmica, que procura se apropriar desses espaços de produção do conhecimento de forma crítica e reflexiva, questionando as premissas que lhes dão sustentação.

A fundamentação teórica deste trabalho tem como base o pensamento feminista negro, a partir do qual se busca refletir sobre a condição da mulher negra dentro e fora do espaço acadêmico, ocupando na maioria das vezes, lugares de subalternização, em relação aos quais estabelecem estratégias de subversão. Embora a produção dessas intelectuais ocorra a partir do contexto norte-americano, feitas as devidas adequações, tem sido de fundamental importância para pensar sobre as condições de participação das mulheres negras na produção do conhecimento de forma geral, estimulando que reflexões semelhantes ocorram em outros espaços geopolíticos, como o Brasil e América Latina.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste na revisão bibliográfica de materiais produzidos por mulheres negras acerca de sua perspectiva sobre a construção do conhecimento acadêmico. Duas sociólogas afro-americanas foram muito importantes para esta primeira etapa da pesquisa, são elas: Patricia Hill Collins e Bell Hooks. Sendo autoras que vivenciaram o descaso com as obras de mulheres negras e as dificuldades para se fazerem ouvidas, tanto dentro desses espaços

hegemônicos de produção do conhecimento, como no âmbito do próprio movimento feminista branco. Procedeu-se, nesse primeiro momento, à sistematização das principais ideias dos textos lidos. O intuito é, posteriormente, continuar a exploração das obras e ideias dessas pensadoras, assim como de outras cujas reflexões perseguem os mesmos propósitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A autora COLLINS (2019, p.34-35) trata dessa condição de opressão da mulher afro-americana sob três linhas: a econômica, que seria “a exploração do trabalho das mulheres negras”; a política, que são “os direitos e privilégios que costumam ser estendidos aos cidadãos brancos” e negados às mulheres negras; por fim, a ideológica, que são “as imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas” à essas mulheres.

Juntas, estas opressões operam de forma a manter estas mulheres num lugar de subalternização. HOOKS (2020) reconhece estas opressões como diferentes das sofridas por mulheres brancas e demonstra as dificuldades que ela própria encontrou para falar sobre essas diferenças dentro do movimento feminista: “com frequência eu era tratada com desprezo por companheiras brancas que queriam se conectar por meio de noções compartilhadas de sororidade” (HOOKS, 2020, p. 11).

A opressão de gênero é vivida de forma diferente por mulheres de diversas etnias, classes, nacionalidades, faixa etária, etc. Dentro do movimento feminista encabeçado por mulheres brancas de classe média, mulheres negras se perceberam pouco ou nada representadas, justamente por elas serem tratadas de forma diferente numa sociedade patriarcal e racista. A ex-escrava afro-americana Sojourner Truth (1851, apud. RIBEIRO, 2018, p. 51), demonstra de forma simples e expressiva essa diferença, em seu discurso na cidade de Ohio em 1851.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher?...

Diversas intelectuais negras expressam em suas obras a invisibilidade dentro do movimento feminista e levantam questões sobre classe, gênero e raça, já que elas sofrem com a opressão tanto de gênero quanto de raça e na maioria das vezes de classe também, como afirma HOOKS (2015, p. 207) “ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista”. A partir desse lugar, a mulher negra entende que o fim de uma só opressão não significa o fim de todas.

De acordo com COLLINS (2016, p. 99), a mulher negra tem o status de “*outsider within*”, que seria como o de uma “forasteira de dentro”, por estar inserida em diversos ambientes com sujeitos em parte dominantes, mas não serem inteiramente pertencentes a estes grupos. A autora traz como exemplo o caso das domésticas afro-americanas que trabalhavam para empregadores brancos e ali enxergavam “o poder branco sendo desmitificado” (COLLINS, 2016, p. 99).

No ambiente acadêmico a mulher negra enfrenta as exigências de um currículo pensado e produzido majoritariamente por homens brancos, além das dificuldades de se produzir algo fora destes padrões dominantes, ainda assim o

lugar de *outsider within* tem sido usado por estas mulheres que “exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero” (COLLINS, 2016, p. 100).

Estas perspectivas contribuem para uma sociologia plural, pois além destas intelectuais reviverem outras obras de autoras negras esquecidas, invisibilizadas, apagadas, elas também são as pessoas que, com maior probabilidade, enxergam as problematizações no currículo eurocêntrico estabelecido nas academias.

São intelectuais que não encontram no meio acadêmico, ou encontram de forma escassa, produções de pessoas de diversas etnias, com visões, interpretações e compreensões diferentes da lógica hegemônica branca, mas que ao longo de muitos anos tem se posicionado a partir deste lugar de “dupla antítese de branquitude e masculinidade” (RIBEIRO, 2018, p. 138).

4. CONCLUSÕES

Pelos aspectos apresentados neste trabalho é possível enxergar como a mulher negra não ocupou e nem ocupa um espaço de total submissão, pois mesmo sofrendo por diversos tipos de opressão, estas mulheres estabeleceram redes de resistências diversas, tanto dentro como fora do espaço acadêmico.

Mulheres intelectuais negras têm registrado e resgatado produções, entendendo a necessidade destas obras para outras mulheres negras e não só para elas, como também para pessoas diversas que de alguma forma são silenciadas e oprimidas pelo padrão masculino hétero branco, pois elas entendem que minimizar ou ignorar qualquer tipo de opressão, não é lutar efetivamente por uma plena liberdade e cidadania.

Assim, entende-se que a visão desta mulher sobre a construção do conhecimento acadêmico é de constantes críticas e não para desqualificação despreziosa deste ambiente, mas para se repensar e transgredir com os padrões que há muito excluem e silenciam diversos grupos oprimidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, P. H. A Política do Pensamento Feminista Negro. In: COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. Cap. 1, p. 29 – 59.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n.1, p. 99 - 127, 2016.

COLLINS, P. H. Características Distintivas do Pensamento Feminista Negro. In: COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. Cap. 2, p. 61 – 95.

HOOKS, B. **E Eu Não Sou Uma Mulher?**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, p. 123- 210, 2015.

RIBEIRO, D. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.